



**Uema**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS - CECEN  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA

**LAISSA SUZANA COSTA GARCÊS**

**EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E GEOGRAFIA ESCOLAR: um estudo na Escola Rosa  
Paixão Garcez, Juçatuba- MA**

São Luís- MA

2024

**LAISSA SUZANA COSTA GARCÊS**

**EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E GEOGRAFIA ESCOLAR: um estudo na Escola Rosa  
Paixão Garcez, Juçatuba-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.a Poliana dos Santos de Carvalho

São Luís- MA

2024

Garcês, Laissa Suzana Costa.

Educação Quilombola e Geografia Escolar: um estudo na Escola Rosa Paixão Garcez, Juçatuba-MA./ Laissa Suzana Costa Garcês . São Luís - MA, 2024.

60p.

Monografia (Curso de Graduação em Geografia Licenciatura) Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2024.

Orientadora: Profa. Ma. Poliana dos Santos de Carvalho.

1. Juçatuba/MA. 2. Identidade quilombola. 3. Geografia Escolar. 4. Escola Rosa Paixão Garcez. I. Título.

CDU:37:911.3 (812.1)

LAISSA SUZANA COSTA GARCÊS

**EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E GEOGRAFIA ESCOLAR: um estudo na Escola Rosa  
Paixão Garcez, Juçatuba-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento do curso de Geografia da Universidade  
Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em  
Geografia.

Aprovada em: 19/12/2024

BANCA EXAMINADORA

*Poliana dos Santos de Carvalho*

---

**Profa. Ma. Poliana Dos Santos de Carvalho (Orientadora)**  
Mestra em Geografia – PPGEU UEMA

*Arilson Xavier*

---

**Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza (Examinador)**  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

*Vinicius Castelo Branco de Aguiar*

---

**Prof. Ms. Vinicius Castelo Branco de Aguiar (Examinador)**  
Mestre em Geografia – PPGEU UEMA

Dedico este trabalho aos meus filhos, Larah, Lunna e Lucas, que são minha razão de viver, lutar, persistir e acreditar nos meus sonhos e objetivos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus pela permissão da realização de mais uma etapa importante em minha vida, e a minha Mãezinha do céu por está sempre intercedendo em minhas orações e pedidos à Deus.

À minha família, de modo especial à; minha mãe Ana Francely, que sempre me motivou nos estudos e pelos incentivos ao longo dessa caminhada, ao meu esposo Jefferson Monroe por sempre está ao meu lado, me incentivando, apoiando e que sempre frisou minha capacidade de conquistar esse objetivo, à minha irmã Thaliane, por muitas vezes me ajudar nos cuidados com minhas filhas para que eu pudesse estudar, aos meus queridos sogros Lurdenilde e José por sempre estarem dispostos à me ajudar; estas pessoas possuem grande significação em meu grau acadêmico, na realização deste trabalho e de todas outras conquistas em minha vida.

Aos meus queridos amigos da Universidade Estadual do Maranhão; Ádrya, Angélica, Arthur, Gabriela, João Luís, Keyvyson, Márcio, Nadilson, Paulo e Raimundo; por compartilharem comigo bons momentos que fizeram com que recebesse afeto e carinho no dificultoso caminho da graduação, ter a amizade destes foi de grande colaboração para que eu não desistisse de conquistar este objetivo.

Aos meus queridos amigos de Juçatuba, em especial à; Alicya, Amaury, Geovana, Jaqueline, Mayhelen, Patrícia e Samuel; que de maneira significativa colaboraram na realização deste trabalho, por meio dos incentivos nos estudos a cerca da temática.

Aos professores; Arilson e Poliana, pela ajuda quanto orientadores na realização desta pesquisa e a querida Juliane (secretária do curso de Geografia), pelos estímulos que muito colaborou para que eu não desistisse.

E de modo geral, agradeço a todos professores do curso de Geografia Licenciatura por todo aprendizado adquirido ao longo desses anos de graduação.

Obrigada!

## RESUMO

A educação desempenha um papel fundamental na formação de identidade do indivíduo, através do processo educacional o aluno adquire conhecimentos, que influenciam e moldam sua identidade, bem como suas crenças, valores e comportamentos ao longo da vida. No geral, este papel educacional é realizado por disciplinas das quais chamamos ciências humanas, estas têm como objetivo propiciar ao aluno a capacidade de interpretar o mundo e compreender os processos e fenômenos culturais, sociais e históricos que compõe a sociedade. A Geografia, é uma ciência da área das ciências humanas com grande capacidade de colaboração positiva das questões étnicos raciais da sociedade, sendo desta maneira uma disciplina escolar de grande relevância para formação de identidade social dos alunos. Ao relacionarmos o ensino da Geografia nas escolas com as questões de construção de identidade cultural de crianças e adolescentes dentro de uma escola localizada em uma comunidade remanescente de quilombo faz-se necessário um estudo à cerca das contribuições do ensino de geografia para educação escolar quilombola, vista como um elemento fortalecedor da identidade. O presente estudo teve como proposta verificar se as contribuições do ensino de Geografia na Escola Rosa Raimunda Paixão, localizada na comunidade quilombola de Juçatuba – MA, para a formação da identidade cultural quilombola. A pesquisa foi de cunho exploratório quali-quantitativo, para tanto, foi feita pesquisas bibliográficas, visitas a escola e entrevistas com alunos e docentes. As dificuldades encontradas demonstram desafios que precisam ser superados, por exemplo, a falta de professores especializados na disciplina de Geografia e uma prática pedagógica que explora a cultura e história compõe.

**Palavras-chave:** Juçatuba-MA. Identidade quilombola. Geografia Escolar. Escola Rosa Paixão Garcez.

## ABSTRACT

Education plays a fundamental role in the formation of an individual's identity. Through the educational process, students acquire knowledge that influences and shapes their identity, as well as their beliefs, values, and behaviors throughout their lives. In general, this educational role is performed by disciplines that we call human sciences. These disciplines aim to provide students with the ability to interpret the world and understand the cultural, social, and historical processes and phenomena that make up society. Geography is a science in the area of human sciences with a great capacity for positive collaboration in the ethnic and racial issues of society, and is therefore a school discipline of great relevance for the formation of students' social identity. When we relate the teaching of Geography in schools to the issues of constructing the cultural identity of children and adolescents within a school located in a remaining quilombo community, it is necessary to study the contributions of geography teaching to quilombola school education, seen as an element that strengthens identity. The present study aimed to verify whether the contributions of Geography teaching at the Rosa Raimunda Paixão School, located in the quilombola community of Juçatuba - MA, to the formation of the quilombola cultural identity. The research was of a qualitative and quantitative exploratory nature, for this purpose, bibliographical research, visits to the school and interviews with students and teachers were carried out. The difficulties encountered demonstrate challenges that need to be overcome, for example, the lack of teachers specialized in the subject of Geography and a pedagogical practice that explores culture and history composes.

**Keywords:** Juçatuba-MA. Quilombola identity. School Geography. Rosa Paixão Garcez School.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Localização da comunidade de Juçatuba -----	26
<b>Figura 2-</b> Plantação de milho no território quilombola de Juçatuba -----	27
<b>Figura 3-</b> Senhora Quilombola colhendo fruto com sua neta -----	28
<b>Figura 4-</b> Praia de Unicamping no território quilombola de Juçatuba-----	29
<b>Figura 5 -</b> Procissão no Festejo de São Sebastião-----	34
<b>Figura 6-</b> Ritual às entidades cultuadas no Terreiro de São Sebastião-----	35
<b>Figura 7-</b> Nossa Senhora Mãe dos Homens, padroeira de Juçatuba-----	36
<b>Figura 8-</b> Procissão da padroeira de Juçatuba-----	37
<b>Figura 9 -</b> Leilão no largo da Igreja da padroeira de Juçatuba-----	37
<b>Figura 10-</b> Bumba-boi de Juçatuba-----	39
<b>Figura 11-</b> Escola Rosa Paixão Garcez em Juçatuba-----	44
<b>Figura 12 –</b> Modelo de questionário do Aluno-----	48

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
<b>1-EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E GEOGRAFIA ESCOLAR.....</b>	<b>15</b>
1.1.A educação quilombola no Brasil.....	16
1.2.Geografia Escolar e as questões quilombola.....	22
<b>2- JUÇATUBA, TERRITÓRIO QUILOMBOLA.....</b>	<b>25</b>
2.1. A constituição do lugar Juçatuba.....	30
2.2. Manifestações Culturais e Identidade Quilombola.....	32
<b>3- JUÇATUBA: ENSINO DE GEOGRAFIA E IDENTIDADE QUILOMBOLA.....</b>	<b>41</b>
3.1. A Geografia na Escola Rosa Raimunda Paixão.....	42
3.2. Ensino de Geografia e Identidade Quilombola: perspectivas discentes.....	47
3.3. Ensinar Geografia, valorizar as identidades locais.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Desde o início de sua história no território brasileiro, marcada por injustiças e opressão desde a escravidão, o povo negro tem lutado para viver e sobreviver em uma sociedade que historicamente os tratou com inferioridade. Entre esse grupo social, destacam-se os povos quilombolas, historicamente tratados como negros escravizados que resistiram ao regime escravocrata, fugindo e se refugiando nas matas. Essa visão, entretanto, reduz a relevância dos quilombos, que transcende essa definição, como enfatizado nas Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.142) “por todo o país, agrupamentos negros rurais, suburbanos e urbanos se constituíram não somente como fuga ou resistência direta ao sistema vigente, mas como uma ‘busca espacial’ em uma perspectiva dinâmica, na construção de um território que é social e histórico, através da manutenção e reprodução de um modo de vida culturalmente próprio.”

Este grupo, conhecidos até a década de 1980 como população negra rural, obtiveram suas primeiras titulações<sup>1</sup> como comunidades quilombolas somente em 1995, após movimentos sociais de “comunidades negras rurais” pela posse de terra iniciadas a partir da década de 1980, este feito, no entanto gerou grandes críticas para alguns pesquisadores da época, como destaca Jorge (2015, p.10);

A construção da identidade quilombola por comunidades antes denominadas negras rurais foi, por um lado, criticada como uma identidade oportunista e utilitarista, como se os quilombolas fossem um grupo étnico “fabricado” estrategicamente para adquirir títulos territoriais.

As comunidades quilombolas, ou comunidades remanescentes de quilombo, são grupos étnicos que se destacam na sociedade por sua identidade única, marcada pela ancestralidade africana e pela preservação de tradições e práticas culturais próprias. Elas são muito mais do que territórios geográficos; são espaços de resistência, memória e construção coletiva, reconhecidos como pilares da história nacional e do patrimônio cultural brasileiro.

Essas comunidades desempenham um papel essencial no resgate e na valorização dos costumes do povo negro. Sustentadas por famílias numerosas, os quilombos preservam, ao longo das gerações, ritos e tradições que dão vida a uma herança cultural afrocentrada. São lugares de encontro, aprendizado e fortalecimento dos laços comunitários, onde a cultura é

---

<sup>1</sup> As titulações territoriais das comunidades quilombolas é um processo administrado pelo Estado, uma etapa fundamental para garantia do direito à terra, ao respeito ao vínculo com a cultura e ancestralidade.

transmitida como um legado precioso, assegurando a continuidade da história e da identidade negra na sociedade brasileira.

Pela primeira vez na história, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) incluiu as comunidades quilombolas no Censo Demográfico, investigando suas características demográficas, geográficas e econômicas. Os dados de 2022 revelam que a população quilombola no Brasil é composta por 1.330.116 pessoas, distribuídas em 8.441 localidades quilombolas, associadas a 7.666 comunidades declaradas — sejam elas certificadas ou não por órgãos públicos — espalhadas por 1.696 municípios. A região Nordeste concentra a maior parte dessas comunidades, com 5.386 localidades, o que equivale a 63,81% do total nacional. Os estados da Bahia e Maranhão se destacam, sendo este último o que possui o maior número, com 2.025 localidades.

Os movimentos sociais quilombolas, de caráter secular, têm na resistência sua principal marca, lutando pela garantia de direitos e pela preservação da identidade de suas comunidades. Esses movimentos buscam assegurar a posse da terra e a implementação de políticas públicas que beneficiem suas populações. Dentre as conquistas históricas do povo negro, destaca-se a Educação Quilombola, fruto de intensa mobilização social.

Essa modalidade educacional é respaldada por marcos legais importantes, como a Lei nº 10.639, de 2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, posteriormente ampliado em 2008 para incluir a História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Em 2012, foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, e, em 2020, as Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da qualidade das escolas quilombolas foram aprovadas.

A Educação Quilombola não é apenas um direito; é também um gesto de reparação histórica para com os descendentes de pessoas escravizadas. Essa modalidade busca promover o desenvolvimento educacional dos estudantes quilombolas, fortalecendo a valorização de sua história e cultura e assegurando que suas comunidades sejam reconhecidas como parte integral e essencial do patrimônio cultural brasileiro. Moura (2022, p.6) fundamenta que “a educação quilombola se produz nas mais variadas formas de organização comunitária, e que uma educação diferenciada considera as relações da comunidade com o território, os saberes tradicionais, a memória grupal de origem, a produção cultural, política e econômica.” Desse modo esclarece-se que esta modalidade de educação busca preservar as diferentes culturas de tais comunidades.

Muitos pesquisadores abordam a Educação Quilombola em suas investigações, relacionando-a a diversas temáticas. Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe relacionar a

Educação Escolar Quilombola com o ensino de Geografia em uma escola situada na comunidade remanescente de quilombo de Juçatuba.

A motivação para esta pesquisa surge de uma vivência pessoal: a experiência de ministrar aulas particulares, durante a pandemia de Covid-19, para alunos da Escola Rosa Raimunda Paixão, moradores de Juçatuba. Nesse contexto, foi observado um déficit educacional significativo em relação às questões quilombolas. Reconhecendo o potencial da disciplina de Geografia para fortalecer a identidade cultural de crianças e adolescentes, decidiu-se investigar essa relação mais profundamente.

Traçamos como objetivo geral desta monografia analisar o ensino de Geografia na Escola Rosa Raimunda Paixão, destacando sua importância como ferramenta de educação quilombola e instrumento para a preservação da identidade cultural de comunidades tradicionais. Como objetivos específicos, buscamos (i) refletir sobre as percepções dos alunos em relação ao processo de ensino-aprendizagem da Geografia, com foco nos conhecimentos étnico-raciais, e (ii) propor uma abordagem pedagógica que valorize as marcas identitárias do território de Juçatuba.

No que tange aos procedimentos metodológicos a pesquisa apresentada neste trabalho possui natureza exploratória, utilizando o método indutivo para conduzir a investigação. Caracteriza-se como uma pesquisa quali-quantitativa, que emprega entrevistas como principal técnica de coleta de dados. O estudo de caso será realizado em uma escola localizada em uma comunidade quilombola, tendo como público-alvo principal os alunos do ensino fundamental. O objetivo é compreender a realidade educacional desses estudantes e analisar o impacto das políticas educacionais na formação de sua identidade cultural.

Inicialmente, será construída uma base teórica sólida, com levantamento criterioso de obras de autores que abordam diretamente a temática da pesquisa e o objeto de estudo. Serão consultados livros, artigos, monografias, dissertações e teses para oferecer embasamento teórico consistente. Na sequência, visitas à escola campo de pesquisa permitirão um contato direto com o objeto de estudo, possibilitando uma análise crítica e comparativa entre os dados teóricos levantados e a realidade observada no campo.

A etapa final consiste na realização de entrevistas individuais, que, segundo Gaskell (2002, p. 65), têm como objetivo alcançar “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. Essa técnica permitirá captar as percepções e vivências dos participantes, aprofundando o entendimento sobre a temática da pesquisa. As entrevistas possibilitarão coletar

dados essenciais para responder aos objetivos propostos e oferecer uma visão mais detalhada e humanizada da realidade investigada.

Com essa abordagem, a pesquisa busca integrar teoria e prática, contribuindo para a construção de um entendimento crítico sobre o papel da educação no fortalecimento da identidade cultural de comunidades quilombolas. Espera-se que os resultados ampliem o conhecimento acadêmico e sirvam de subsídio para práticas educacionais mais inclusivas e transformadoras.

Para melhor explorar essa temática o texto está estruturado da seguinte forma: **1- Educação Quilombola e Geografia Escolar**, que aborda a educação escolar quilombola no Brasil, com ênfase na região Nordeste, a qual concentra a maior população quilombola, além de discutir como a disciplina de Geografia pode abordar as questões quilombolas; **2- Juçatuba, Território Quilombola**, que apresenta a comunidade de Juçatuba, onde a escola e os alunos da pesquisa estão inseridos, descrevendo a constituição do lugar, sua formação cultural e o caráter identitário de seus habitantes como povos remanescentes de quilombo; **3- Juçatuba: Ensino de Geografia e Identidade Quilombola**, que, ao se somar aos capítulos anteriores, problematiza a pesquisa e apresenta dados e informações sobre os elementos que envolvem o contexto do estudo sobre a Educação Quilombola e o Ensino de Geografia na Escola Rosa Raimunda Paixão Garcez, situada na comunidade quilombola de Juçatuba.

## 1- EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E GEOGRAFIA ESCOLAR

Sabemos que a educação é um direito social garantido a todo cidadão brasileiro, no entanto, esse direito foi negado por muito tempo ao povo negro. No Brasil escravocrata, muitos direitos sociais básicos foram cerceados, incluindo o acesso à educação formal. A exclusão dos negros do espaço escolar é confirmada por registros oficiais, como o Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854.

Em 1854, a reforma educacional de Couto Ferraz, instituía a obrigatoriedade da escola primária para crianças maiores de sete anos e a gratuidade das escolas primárias e secundárias da Corte, mas proibia “crianças com moléstias contagiosas e escravas” de ingressarem na escola. A reforma também não trazia previsão de instrução para adultos, ou seja, aqueles que não tiveram oportunidades na infância ou foram retirados de seu mundo- os negros escravizados (Portal do Tribunal Regional Federal, 2023).

Essa evolução começou a ocorrer de forma crescente, suportado por uma mobilização social do povo negro para o país. O movimento negro nasceu de respostas àquela situação excepcionalmente exclusiva de que vivia a população negra no Brasil, sendo a luta de escolarização uma das primeiras frentes dessa demanda. Entre as conquistas desse movimento cabem, por exemplo, a inserção da Educação escolar Quilombola no contexto escolar brasileiro.

Educação escolar Quilombola é uma vertente do Ensino Fundamental que começou a ser debatida no Brasil com as discussões educacionais da década de 1980. A partir daquela época, adquiriu condição de lei, inserindo-se na LDB, sendo prestado por escolas públicas ou privadas, localizadas nas comunidades quilombolas do território brasileiro, a saber, urbana e rural, bem como nas escolas dos arredores de essa região, atenderem, portanto, uma grande parte dos estudantes quilombolas.

Na educação quilombola todas as áreas de conhecimento da educação básica devem ter conteúdos curriculares voltados à valorização e reconhecimento da cultura, história, e demais saberes da comunidade em que a escola está inserida, portanto a formação contínua de docentes que atuam nestas escolas é de grande importância para que esta modalidade de educação seja realizada.

No que tange a partir da Constituição de 1988, os documentos educacionais ressaltam a importância de ser trabalhados conteúdos que contribuam para a formação e identidade desses povos. Por isso, as Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 2012 p.3) destacam que os professores devem lecionar a partir de conteúdos que fundamentem em:

a) da memória coletiva; b) das línguas reminiscentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade (BRASIL, 2012).

Com o entendimento das especificidades que compõem a Educação Quilombola, abordamos a Geografia Escolar, que se destaca como uma prática essencial no ensino de Geografia, especialmente por seus eixos temáticos, que são grandes colaboradores na formação e na construção das identidades desse povo. Um dos principais objetivos dessa disciplina é promover a formação cidadã dos alunos. Como afirmam Cavalcanti e Souza (2014, p. 1), “a Geografia é uma disciplina capaz de formar pessoas para atuação cidadã”, uma ideia também destacada por outros autores da área, que reconhecem o potencial da Geografia para o desenvolvimento do aluno e sua atuação na sociedade. O exercício da cidadania, nesse contexto, envolve o conhecimento dos direitos e deveres do indivíduo, desde a esfera local até a global. Estudar o lugar, uma categoria da Geografia que define um espaço geográfico dotado de significados para o ser humano, oferece uma oportunidade para compreender o mundo e, assim, exercer a cidadania. Esse ponto de vista é reforçado por Callai (2005, p. 236), que argumenta que:

Compreender o lugar que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de histórias e situam-se concretamente em um tempo e um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim o lugar não pode ser considerado/entendido isoladamente. O espaço em que vivemos é o resultado da história de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites e cria possibilidades.

Com base nas teorias que fundamentam esta área da educação, entende-se que ela desempenha um papel fundamental no apoio à Educação Quilombola, especialmente no que se refere ao princípio central dessa modalidade: a valorização e o reconhecimento das comunidades quilombolas. Para que isso se concretize, é essencial que a formação cidadã dos alunos quilombolas seja uma prioridade, pois ela é crucial para a efetivação desse direito das comunidades negras quilombolas no Brasil.

### **1.1 A educação quilombola no Brasil**

O Brasil é um país caracterizado pela diversidade, visível em diversos aspectos, como o clima, a natureza, a música, a religião e, principalmente, em sua população. Com povos

indígenas como seus originários, o país recebeu contribuições fundamentais para sua formação, especialmente no campo cultural, por meio das influências dos europeus, asiáticos e africanos, configurando-se, assim, como uma nação multiétnica. A influência africana no Brasil se manifesta de diversas formas, como na língua, culinária, danças, músicas, religião, costumes e tradições, que os negros escravizados, originários de diferentes regiões do continente africano, se empenharam em preservar, apesar da grande perseguição, tanto policial quanto social. No contexto das lutas sociais em prol dos direitos do povo negro no Brasil, especialmente do movimento quilombola, surge a Educação Escolar Quilombola, uma importante conquista para o reconhecimento e a valorização da história e cultura dessas comunidades.

A modalidade educacional no Brasil foi homologada há 12 anos, na data de 20 de novembro (dia em que se celebra a Consciência Negra no Brasil), do ano de 2012, após reconhecimento de que as comunidades remanescentes de quilombos possuem dimensões educacionais, sociais, políticas e culturais significativas. Os princípios que regem a educação quilombola são o respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira, a valorização da diversidade étnico racial, e a proteção das manifestações da cultura afro-brasileira.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, de 2012 (p.42) diz;

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural.

Dessa forma, torna-se indispensável que a Educação Quilombola promova a integração entre o ensino e a valorização cultural dos alunos, assegurando que essa abordagem transcenda os limites dos territórios quilombolas, considerando as conexões que esses territórios mantêm com outros espaços.

Embora haja conquistas significativas, como a construção de escolas quilombolas, o acesso ao Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE Campo) e a aprovação das Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola, a análise nacional dessa modalidade educacional revela grandes desafios. Entre eles estão a falta de recursos, a necessidade de formação adequada para professores e a resistência institucional ao reconhecimento das especificidades culturais quilombolas.

Além disso, observa-se um preocupante retrocesso educacional em algumas regiões, com o fechamento recorrente de escolas. Em muitos casos, as secretarias de educação justificam esses fechamentos alegando “baixo rendimento” ou “pouca quantidade de alunos frequentando”. No entanto, tais medidas infringem a Lei nº 12.960, de 2014, que estabelece critérios rigorosos para o fechamento de escolas rurais e quilombolas, desrespeitando os direitos dessas comunidades e comprometendo o acesso à educação de qualidade.

Segundo dados do Censo Escolar da Educação Básica realizado em 2022, o Brasil possui o total de 2.601 escolas que oferecem a educação quilombola em todo país, se considerarmos o quantitativo de comunidades declaradas (7.666), este número corresponde à apenas 33,92% de comunidades com escolas que oferece a modalidade educacional, levando em consideração que cada comunidade possua uma escola. O quantitativo das matrículas nessas escolas soma o total de 275.134 de estudantes matriculados em todo território nacional. Pesquisas apontam que cerca de 4 em cada 10 municípios brasileiros que possuem áreas remanescente de quilombo não desenvolvem projetos voltados para Educação Escolar Quilombola.

Retornando essa análise para a região nordeste que possui a maior incidência de comunidades quilombolas, fica evidente que ainda há muito a ser feito para que a justiça social, no âmbito educacional, seja efetivamente garantida a essas populações. Os dados apresentados baseiam-se em informações fragmentadas fornecidas por órgãos públicos, como o IBGE, o INEP (Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais Anísio Teixeira) e a Fundação Cultural Palmares, referentes ao ano de 2017, por serem os registros mais completos disponíveis no período da pesquisa. Essa escassez de informações qualificadas sobre a Educação Escolar Quilombola reflete, de certa forma, a negligência do Estado brasileiro e a perpetuação do racismo institucional, que impede avanços significativos no atendimento educacional dessas

Buscamos dimensionar, ainda que haja insuficiência de informação, a realidade desta educação na região Nordeste por meio de três tabelas que expressam respectivamente; Tabela 1- Comunidades remanescente de quilombo certificadas pela Fundação Cultural Palmares até o segundo semestre de 2017, qual destacaremos com a sigla CRQ por unidade federativa da região Nordeste (NE), Tabela 2- Número de comunidades na unidade federativa e o quantitativo de Escolas de Educação Escolar Quilombola, destacada com sigla EEEQ e Tabela 3 – Comunidades sem Escolas de Educação Escolar Quilombola por unidade federativa.

**Tabela 1-** Número de Municípios com Comunidades Remanescente de Quilombo Certificadas em cada UF do Nordeste

<b>UF/NE</b>	<b>Nº Municípios com CRQ</b>	<b>Nº de CRQ na Unidade Federativa</b>
<b>ALAGOAS</b>	33	65
<b>BAHIA</b>	139	598
<b>CEARÁ</b>	20	39
<b>MARANHÃO</b>	70	546
<b>PARAÍBA</b>	21	35
<b>PERNAMBUCO</b>	50	131
<b>PIAUI</b>	31	74
<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	16	21
<b>SERGIPE</b>	21	25
<b>TOTAL</b>	401	1534

Fonte: Dados da Pesquisa.

A Tabela 1 apresenta o número de comunidades remanescentes de quilombo (CRQ) declaradas pela Fundação Cultural Palmares até o segundo semestre de 2017, abrangendo toda a região Nordeste. No total, são 1.534 comunidades distribuídas em 401 municípios da região. Observa-se que o número de comunidades é, em média, três vezes maior que o número de municípios, evidenciando uma alta concentração de CRQs em determinadas localidades. Os estados da Bahia e Maranhão se destacam por concentrarem o maior número de CRQs, representando juntos 74,57% do total da região Nordeste, o que equivale a mais da metade das comunidades quilombolas declarados. Esses números reforçam a importância desses estados na preservação e valorização da cultura quilombola.

**Tabela 2-** Número de Comunidades Remanescente de Quilombo Certificadas e Quantitativo de Escolas de Educação Escolar Quilombola na UF

<b>UF/NE</b>	<b>Nº de CRQ por UF</b>	<b>Nº de EEEQ na UF</b>
<b>ALAGOAS</b>	65	37
<b>BAHIA</b>	598	474
<b>CEARÁ</b>	39	29
<b>MARANHÃO</b>	546	653
<b>PARAÍBA</b>	35	25
<b>PERNAMBUCO</b>	131	85
<b>PIAUI</b>	74	54
<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	21	17
<b>SERGIPE</b>	25	31
<b>TOTAL</b>	1534	1405

Fonte: Dados da Pesquisa.

A Tabela 2 apresenta o quantitativo de Escolas de Educação Escolar Quilombola (EEEQ) registradas no INEP nas nove unidades federativas da região Nordeste. Os dados destacam os estados da Bahia e do Maranhão como os mais comprometidos com essa modalidade de ensino, sendo o Maranhão o estado com o maior número de escolas ofertando Educação Escolar Quilombola na região. Em contraste, os estados de Alagoas, Ceará, Paraíba e Piauí apresentam números de escolas desproporcionais ao número de comunidades quilombolas em seus territórios, o que evidencia disparidades significativas na implementação dessa modalidade educacional. Vale ressaltar que o número de escolas não segue um padrão de distribuição por localidade: enquanto algumas comunidades quilombolas contam com mais de uma escola, outras não possuem nenhuma, o que compromete a garantia de acesso à educação específica para essas populações.

**Tabela 3-** Número de Comunidades Remanescente de Quilombo Certificadas sem Escolas de Educação Escolar Quilombola

<b>UF/NE</b>	<b>Nº de Municípios com CRQ</b>	<b>Nº de CRQ na UF</b>	<b>Nº CRQ sem EEEQ</b>
<b>ALAGOAS</b>	33	65	25
<b>BAHIA</b>	139	598	102
<b>CEARÁ</b>	20	39	14
<b>MARANHÃO</b>	70	546	34
<b>PARAÍBA</b>	21	35	10
<b>PERNAMBUCO</b>	50	131	20
<b>PIAUI</b>	31	74	38
<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	16	21	4
<b>SERGIPE</b>	21	25	14
<b>TOTAL</b>	401	1534	259

Fonte: Dados da Pesquisa.

Complementando os dados da Tabela 2, a Tabela 3 revela que, mesmo cinco anos após a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012), ainda há um número alarmante de comunidades quilombolas sem acesso a Escolas de Educação Escolar Quilombola (EEEQ). É importante destacar que os números apresentados não refletem totalmente a realidade, já que as pesquisas não alcançam todas as comunidades quilombolas da região Nordeste. Assim, é provável que a situação seja ainda mais grave do que os dados indicam.

A análise da implementação da educação escolar quilombola, especialmente em relação à instalação de EEEQ, evidencia que a região Nordeste — que concentra o maior número de comunidades remanescentes de quilombo no Brasil — ainda não conseguiu efetivar plenamente as políticas educacionais voltadas a essas populações. Essa situação reflete a negligência do Estado brasileiro em garantir a assistência educacional prevista em lei para a população quilombola, perpetuando desigualdades históricas e prejudicando o direito à educação dessas comunidades.

## 1.2 Geografia escolar e as questões quilombola

A Geografia Escolar diz respeito ao conjunto de elementos que compõem as práticas escolares da área geográfica que se coloca cada vez mais, de acordo com Thiesen (2011 p.87) como uma área “comprometida socialmente com a produção da condição humana e com a produção consciente dos espaços, sejam eles naturais, sociais, culturais ou políticos”, neste sentido a Geografia Escolar deve ser baseada num Ensino de Geografia comprometido em trabalhar os espaços de vivência do aluno, objetivando colaborar para uma formação cidadã destes indivíduos. Como afirmado por Cavalcanti (1998, p.11):

O pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo que vive, desde a escala local á regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais.

Desta forma nos fica notável que a Geografia quanto disciplina escolar possui um valor significativo para a cidadania, que nos é entendida como a consciência dos direitos, autonomia, liberdade e da existência do sujeito no mundo. Assim, por meio de conhecimentos que umas das lutas dos povos quilombolas se refere à essa busca/construção de cidadania reforça-se a ideia de como a geografia pode contribuir nas questões quilombolas. As questões quilombolas no Brasil segundo Santana (2008 p.5) refere-se à “luta por reconhecimento de elementos étnicos e identitários na forma de apropriação e relação com os recursos naturais, conformando o conceito de território e distinguindo da concepção individual e privatista de propriedade”.

A Geografia faz uso de cinco principais categorias para a compreensão: espaço geográfico; território, região, paisagem e lugar; esses conceito-chave utilizados para o estudo desta ciência possuem perspectivas específicas, sendo “a paisagem uma dimensão do espaço caracterizada pela morfologia e pelas representações ou significações humanas e sociais; o território é particularizado pelas relações de poder e de produção; a região pela fragmentação e articulação do espaço total visando a sua gestão; e o lugar pela afetividade e pelas relações global-local.” (Nunes Filho e Salvador, 2020, p.1). Estas perspectivas são essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, neste estudo as perspectivas humanísticas de Território e Lugar é de grande importância para explorar a temática abordada na pesquisa.

O ponto de vista humanístico do conceito dessas categorias é o que Cavalcanti (2011, p 198-200), destaca; ser a nova concepção de Território com uma multidimensionalidade (ou seja, nas suas dimensões política, econômica, cultural, funcional, simbólica), que expressa os fluxos e redes materiais e imateriais das relações sociais e que essa perspectiva integradora da categoria vem abarcar dimensões política, econômica, cultural e natural da prática espacial, resultantes de processos de identificação e de apropriação espaciais, sendo desta maneira possível relacionar forte carga de ligação entre os sujeitos e a constituição de território o que leva alguns autores, formularem o conceito, e fazerem ligação estreita com o processo de construção da identidade (nesse sentido, articula-se com a categoria lugar).

Por meio dessa relação de Território, Lugar e a construção de identidade explicita pela autora fomenta-se o uso e abordagem dessas categorias geográficas na relação entre Geografia Escolar e Educação quilombola. Cardoso et al. (2022, p.75) apontam que utilizar o lugar no Ensino de Geografia na Educação Quilombola é trabalhar territorialidades a partir das mais diversas identidades, que neste caso, em um caráter quilombola. Callai (2005, p. 236) enfatiza que “compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece”. É dessa maneira que a Geografia Escolar na Educação Quilombola ganha vida, contribuindo para o reconhecimento e a valorização da identidade. Para Cavalcanti, 2012, p.45:

No ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico. São resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno. Propostas mais recentes desse ensino são pautadas na necessidade de trabalhar com os conteúdos escolares sistematizados de forma crítica, criativa, questionadora, buscando favorecer sua interação e seu confronto com outros saberes.

A escola é, nessa linha de entendimento, um lugar de encontro de culturas, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem.

Da mesma maneira, Pontuschka (2000, p.151) ressalta que é possível pensar no papel do Ensino de Geografia a partir do contexto escolar, ou seja, é através desse contexto que a Geografia, com seu caráter estratégico, vincula a construção da aprendizagem com as vivências do cotidiano, e o professor como mediador viabiliza essa formação cidadã, ética, cultural, econômica e política.

A Geografia Escolar nas questões quilombolas vem como um viés importante no que se refere ao fortalecimento e no reconhecimento da identidade quilombola, possibilitando um ensino que reforce, através de uma leitura geográfica, questões étnico-raciais e a identidade territorial. Através desta perspectiva, fica compreendido a necessária e importante papel da Geografia Escolar no processo de construção e valorização da identidade, estas sendo umas das questões de luta dos povos quilombolas ao longo do tempo.

## 2- JUÇATUBA, TERRITÓRIO QUILOMBOLA

Vários autores da Geografia abordam o conceito de território, atribuindo-lhe diferentes interpretações, mas, em geral, a ideia de poder, controle e domínio sempre está presente na caracterização desse elemento, ligando-o às concepções políticas e às relações de poder. No entanto, para este trabalho, destacamos a análise de Rogério Haesbaert sobre o território, que apresenta uma abordagem tríplice desse conceito: jurídico-política, econômica e cultural. Essa perspectiva nos permite compreender que, para além do caráter político, o território também é constituído pelo aspecto humano, sendo moldado pela identidade social e pelas relações culturais que nele se estabelecem. Em um de seus trabalhos Haesbaert nos diz que:

Território, então, pode ser definido como o espaço construído/construtor de relações de poder, tanto no sentido mais estritamente social (político-econômico e simbólico-afetivo) quanto no sentido da interação indissociável com as chamadas forças da natureza. Nem apenas um espaço material e simbólico socialmente dominado e/ou apropriado, nem apenas um espaço moldado na imbricação com a natureza, o território seria, sobretudo, um espaço político revelador de limites – tanto de limites como fronts/fronteiras das lutas por des-ordenamento da complexa e desigual sociedade dos humanos quanto dos limites impostos a todo o conjunto da vida terrestre cuja existência, profundamente articulada, está em risco. (HAESBAERT, 2023, p.6).

Esta definição nos propicia abordar como os quilombolas veem seus territórios, de modo simbólico-afetivo carregado de lutas, utilizados para reprodução física, social, econômica e cultural, territórios estes que se encontram em grande maioria em situações de risco. De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), os territórios quilombolas carregam uma caracterização que vai para além da ocupação de um espaço de forma efetiva, mas também o universo das características culturais, ideológicas, valores e práticas dessas comunidades. Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária;

Um território quilombola se constitui a partir de uma porção específica de terra acrescida da configuração sociológica, geográfica e histórica que os membros da comunidade construíram ao longo do tempo, em sua vivência sobre a mesma. Assim sendo, um território seria um ente que sobrepõe a terra e a carga simbólica agregada a mesma, a partir de seu uso pleno e continuado pela ação de um determinado grupo humano. (INCRA, 2017, p.7).

Neste sentido retornamos à ideia de Cavalcanti já mencionada neste trabalho, que traz o território com concepção multidimensional, para este povo os territórios é mais um elemento para construção e reafirmação de suas identidades. O território é importante para as



Além dessa expropriação territorial, a comunidade também foi vítima de fraude relacionada ao acesso a um de seus elementos naturais mais importantes: a praia. De acordo com moradores locais, um advogado, conhecido na comunidade como "Conceição", usou a ingenuidade de alguns moradores para obter documentos que lhe permitiram realizar a venda de terras na praia de areia, que hoje é conhecida como praia de Unicamping. Como resultado dessas ações fraudulentas, o território da comunidade de Juçatuba foi drasticamente reduzido, possuindo atualmente apenas metade da extensão territorial original.

Assim como demais comunidades remanescentes de quilombo, em Juçatuba também buscam preservar suas práticas culturais, que envolvem desde as tradições, como o festejo de Nossa Senhora Mãe dos Homens (padroeira da comunidade) até o simples costume de chamar carinhosamente seus conterrâneos de “nhô” e “dona”. Importante destacar aqui que a forma verbal falado em Juçatuba foi uma das razões que levou a professora Marinalva Monroe, moradora da comunidade, realizar o pedido de certificação para a comunidade.

A principal atividade econômica de Juçatuba é a agricultura, uma prática tradicional de subsistência dos moradores da comunidade. Essa atividade é realizada principalmente por meio de plantações de colheita anual, como maxixe, quiabo, vinagreira e milho. Além disso, o cultivo de frutas como manga, limão, melancia e abóbora (conhecida localmente como jerimum) também é comum na agricultura do quilombo de Juçatuba. Essas plantações geralmente ocorrem nos quintais das casas (Figura 2) ou em terrenos próximos aos alagadiços.

**Figura 2-** Plantação de milho no território quilombola de Juçatuba



Fonte: Própria da Pesquisa, 2023.

O plantio e a colheita desses alimentos fazem parte do conjunto de elementos culturais de Juçatuba, que são transmitidos entre as gerações, reforçando as tradições e a identidade da comunidade (Figura 3).

**Figura 3-** Senhora Quilombola colhendo fruto com sua bisneta



Fonte: Própria da Pesquisa, 2023.

A pesca artesanal também é uma atividade de ordem secular praticada por moradores da comunidade, a captura dos peixes e crustáceos (camarão, siri, caranguejo) é feita geralmente por meio de tarrafas, arrasto simples e armadilhas como o jequi. Este tipo de pesca destina-se ao consumo familiar e venda local.

O território é muito conhecido por suas belezas naturais, como as praias de Unicamping (Figura 4), Praia da Moça, Prazeres e Aribual, sendo esta última palco atual de mais um conflito pela luta da terra do povo quilombola da comunidade de Juçatuba. O conflito em questão trata-se da ocupação de uma porção de terra, localizada em um morro em torno da praia, por moradores da comunidade Juçatuba há cerca de 2 anos, terreno este, que um membro

de uma famosa família maranhense na área política alega agora ser seu há mais de 20 anos, sob venda realizada por uma pessoa que não pertence à comunidade quilombola.

**Figura 4-** Praia de Unicamping no território quilombola de Juçatuba



Fonte: Rede Social da Praia de Juçatuba, 2023.

De forma geral, a comunidade de Juçatuba é estruturada com duas escolas de educação básica, uma creche, uma igreja católica, duas igrejas evangélicas, uma igreja messiânica, um terreiro de Umbanda, um Centro Espírita, uma Unidade Básica de Saúde, uma quadra poliesportiva, um clube de festas (onde se realizam a maioria dos eventos locais), uma sede do boi, cinco campos de futebol e aproximadamente 400 casas.

Atualmente, cerca de 1.500 pessoas residem no território de Juçatuba, compondo aproximadamente 400 famílias que, em sua maioria, compartilham os sobrenomes Monroe, Garcês ou Garcez e Cascaes ou Cascais. Esses sobrenomes são vistos como símbolos da identidade e dos principais responsáveis pela constituição histórica e social do lugar conhecido como Juçatuba.

## 2.1 A constituição do lugar Juçatuba

O início da história de formação do quilombo de Juçatuba, ou Jussatuba, não pode ser relatado com precisão devido à escassez de registros que comprovem sua veracidade. No entanto, segundo os relatos de seus moradores mais antigos, essa história é a mais amplamente difundida até hoje. Acredita-se que o quilombo tenha surgido no período colonial, há cerca de 300 anos, possivelmente por volta de 1705. Nesse período, um escravizador de negros abandonou, por razões desconhecidas, um grupo de escravizados à beira-mar, composto por homens, mulheres e crianças.

Este grupo, em busca de água doce e alimento, percorreu cerca de 7 km (distância da praia de Unicamping até a comunidade de Juçatuba) até encontrar um vasto juçaral, uma área cercada por água doce, onde havia uma grande quantidade de pés de juçara (*Euterpe edulis*). Ali, devido à abundância de alimento e água, o grupo decidiu estabelecer-se, criando uma vila que recebeu o nome de Juçatuba, com "Juça" provavelmente derivado do fruto encontrado, a juçara.

Com o tempo, a vila cresceu e se povoou. Posteriormente, um padre chamado Eduardo Monroe, vindo das Missões Jesuítas, chegou à vila com o objetivo de catequizar o povo local. No entanto, o padre se apaixonou por Francisca Garcês, uma jovem negra da vila, e renunciou ao celibato para casar-se com ela, formando a maior família do "Garcês Monroe". Ao longo do tempo, outras famílias foram se estabelecendo, como os Cascaes, Costa e Corrêa, que ajudaram a constituir as identidades do povo quilombola de Juçatuba.

Retornando à ideia inicialmente exposta neste trabalho e destacada nas *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, entende-se que os quilombos nem sempre foram apenas locais de fuga para os escravizados, mas também refúgios que ofereciam paz, tranquilidade e sossego, onde era possível manter o modo de vida e as culturas. Assim, a história de Juçatuba reflete essa realidade, com um espaço de resistência e preservação das tradições e identidades de seu povo. Gomes e Garcês (2012 p. 02) destacam em seu trabalho a formação das grandes famílias em Juçatuba:

A origem das famílias Monroe e Garcês deu-se com a chegada das Missões Jesuítas vindas da Inglaterra, onde o sacerdote Eduardo Monroe, ao celebrar uma missa na comunidade, se encantou com a beleza de uma jovem negra Chamada Francisca Garcês, renunciando, deste modo, ao celibato e matrimoniando-se com a mesma, dando início aos primeiros Monroe e Garcês de Juçatuba: Alexandre Garcês Monroe, Tertuliano Garcês Monroe, Balbino Garcês Monroe e José Garcês Monroe, adentrando, posteriormente, à comunidade outros povos: Gouveia, Cascaes, Costa, Correa e demais que casados com os Monroe e Garcês passaram a constituir uma grande população onde o principal item diferenciador das outras é o grau de parentesco, quer de caráter materno ou paterno.

O fato de que todos da comunidade consideram-se “parentes” seja de caráter materno ou paterno faz desse lugar um “território de parentesco” termo utilizado por Castro (2004) citado por Furtado (2012, p. 110):

O “território de parentesco” apresenta-se como categoria que comporta dois sentidos. O primeiro, como patrimônio da família, designando um espaço em que se reproduzem socialmente várias famílias de parentes, descendentes de ancestral comum. E o segundo, como território em que os herdeiros possuem o direito à casa de morada (casa-quintal), à terra de respeito (a área de roçado) e à terra comum (acesso a terra para o trabalho, as pastagens e os recursos naturais).

As duas categorias apresentadas pelo autor são bem observadas em Juçatuba. Podemos, neste caso, denominar esse “território de parentesco” e as características que o envolvem herança ancestral, reprodução física de ordem consanguínea, cuidado e afetividade com o território como uma base para a constituição desse lugar. O "lugar", enquanto categoria geográfica, refere-se a uma porção do espaço dotada de significados particulares, e das relações humanas que nele se estabelecem. Como argumenta Tuan (1977), o lugar é “um espaço vivido, que ganha significado pelas interações que ocorrem entre as pessoas e o espaço”. No contexto de Juçatuba, esse significado é construído pelas relações afetivas, familiares e culturais que se entrelaçam com o território, sendo também percebido por grande parte da população local e seus visitantes.

A constituição de Juçatuba pode ser apresentada através da ideia de Souza (2024), lugar de festa e identidade, para o autor essa comunidade é “uma terra habitada de corpo e alma pelos seus filhos que bem sabe enlaçar seus visitantes, e que expressa por meio de atos festivos parte significativa das suas identidades culturais” (Souza, 2024, p.153).

De fato, a identidade cultural de Juçatuba é, sem dúvida, o que constitui essa comunidade e seu povo, unidos por laços sanguíneos ou afetivos, além das belezas naturais que cercam o seu território. A identidade cultural é definida como o conjunto de elementos que formam a cultura identitária de um povo, permitindo que esse grupo se reconheça como uma comunidade tradicional. Em Juçatuba, essa identidade cultural é formada por suas diversas manifestações culturais, como as festas religiosas, o bumba-meu-boi, a língua falada, o reggae e o futebol. Juntas, essas expressões culturais formam a paixão do “verdadeiro satubeiro”.<sup>2</sup> refletindo um vínculo profundo com as tradições e o modo de vida local. As manifestações culturais da comunidade foram instituídas ao longo do tempo por seu próprio povo, tendo como grande influência a cultura africana e mantidas até os dias atuais entre as gerações.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado pelos próprios moradores de Juçatuba para designar alguém que tem orgulho das raízes culturais do lugar.

## 2.2 Manifestações Culturais e Identidade Quilombola

Ao relacionarmos as manifestações culturais da comunidade de Juçatuba à subjetividade atribuída a elas pelos seus moradores e visitantes, percebe-se que essas expressões são formas de a comunidade reafirmar sua identidade enquanto quilombola. O conceito de identidade quilombola, segundo Furtado, Sucupira e Alves (2014, p. 108), "se dá a partir das representações e interpelações nas quais os sujeitos em questão estão inseridos, e a partir de suas identificações com valores e significados construídos socialmente". Essas manifestações culturais, portanto, não apenas preservam as tradições da comunidade, mas também fortalecem os laços que definem sua identidade, vinculando as gerações passadas, presentes e futuras no processo de reafirmação de sua história e cultura.

A identidade para o povo quilombola é de grande importância, pois é fundamental para a preservação de sua cultura e história. No caso da comunidade quilombola de Juçatuba, sua cultura e história estão fortemente ligadas ao bumba-meu-boi, ao reggae e às festas religiosas. Essas manifestações culturais são tão significativas para o lugar que, ao longo dos anos, já serviram diversas vezes como temáticas para pesquisas acadêmicas. Essas expressões culturais não apenas refletem a identidade da comunidade, mas também desempenham um papel vital na continuidade e fortalecimento de suas tradições, sendo elementos essenciais para a afirmação de sua história quilombola.

Ainda que tenha como maior evento religioso o tradicional festejo de Nossa Senhora Mãe dos Homens, padroeira local, Juçatuba, possui outras manifestações religiosas como componentes de sua cultura, tais como: festejo de São Sebastião, festejo de Nossa Senhora do Bom Parto, Festejo de Sant'Ana e Divino Espírito Santo e o Festejo do Menino Jesus, destes citados, três possuem sincretismo religioso, com relação à religiões de matriz africana, que em muitas situações resistem aos olhares preconceituosos da sociedade, como destacado por Brazil e Schumacher (2007) e Gomes e Garcês (2012 p.1), "sabe-se que tanto os quilombos quanto as irmandades religiosas instituídas pela Igreja, oficialmente liberadas e estimuladas entre a população negra, forma focos de resistência e manutenção das diferentes tradições africanas, cujas celebrações eram, até o século XIX, genericamente chamadas batuques".

Os festejos de São Sebastião, de Sant'Ana e Divino Espírito Santo e festejo de Menino Jesus, realizados respectivamente nos meses de Janeiro, Julho e Dezembro na comunidade de Juçatuba possuem em sua história para além do caráter do catolicismo uma

composição de elementos de origem africanas, da qual chamamos de religiões afro brasileiras, tendo a Umbanda cultuada nestas festas religiosas, no entanto, atualmente, após a morte de seus fundadores responsáveis (pais e mães de santo) e a falta de um (a) sacerdotisa de terreiro somente a festa religiosa dedicada à São Sebastião tem referência às raízes de matriz africana.

A Umbanda, uma religião afro-brasileira com influências africanas, cristãs, indígenas e espíritas, foi uma das mais afetadas pelo sincretismo com o catolicismo. Durante o período de escravidão, os africanos foram forçados a substituir suas divindades tradicionais pelos santos da Igreja Católica, o que resultou no uso de imagens católicas como substitutas dos orixás, como as figuras de São Jorge e São Sebastião. Como observa Prandi (2001, esse processo de sincretismo se deu como uma forma de os escravizados continuarem a cultuar suas entidades, mas de maneira disfarçada, respeitando as imposições da Igreja Católica.

Essa realidade é visível no Terreiro de São Sebastião, na comunidade quilombola de Juçatuba, onde se realiza o festejo que leva o nome do santo. A festa religiosa tem sido praticada na comunidade há mais de 95 anos e foi fundada por Pedro Maciel Costa. De acordo com sua neta, Ana Francely Costa Garcês, Pedro Maciel realizava os rituais no quintal de sua própria casa. Após o falecimento de Pedro Maciel, sua filha, Sebastiana Costa Garcês (in memoriam), assumiu as atividades do Terreiro, que incluem o benzimento, os trabalhos espirituais e os cultos às entidades espirituais, realizados por meio de dança, cânticos, oferendas e incorporação de entidades.

Atualmente, o Terreiro de São Sebastião é representado por Rosa do Socorro Costa Garcês Maciel, conhecida como Mãe Rosa, filha mais velha de Sebastiana, que mantém os trabalhos realizados por sua mãe no Terreiro desde 2008. Em conversa com Mãe Rosa, foi revelado que a procura por ‘trabalhos espirituais’ e visitas ao Terreiro é, atualmente, maior por pessoas de fora da comunidade, especialmente aquelas que não residem em Juçatuba. Ela também destacou que muitas pessoas da comunidade, principalmente evangélicos, desrespeitam sua religião.

A festa religiosa inicia no 11 de Janeiro, com as ladainhas<sup>3</sup> ao santo, no período de 9 dias (novenas), durante esse período é realizado o levantamento do mastro chamado pela dona do terreiro de “oliveira”; o levantamento do mastro ( tronco de uma árvore medindo cerca de 10 metros enfeitado por frutas e bebidas) em festejos da comunidade de Juçatuba é muito comum, vista como uma tradição ancestral que simboliza a “segurança” daquela festa, para que ocorra tudo bem e finaliza no dia 20 de Janeiro com a realização da Santa Missa pela manhã,

---

<sup>3</sup> Orações e cânticos dedicados aos santos da Igreja Católica que consiste na recitação sequencial de curta invocações.

seguido da Procissão (Figura 5) e encerrando pela noite com o chamado “toque especial”, ritual realizado para cultuar as entidades da Umbanda (Figura 6).

**Figura 5** - Procissão no Festejo de São Sebastião



Fonte: Acervo Pessoal de Mãe Rosa, 2021

**Figura 6-** Ritual às entidades cultuadas no Terreiro de São Sebastião



Fonte: Acervo Pessoal de Mãe Rosa, 2021

A narrativa acima nos evidencia uma cultura manifestada pela religião que perpassa de geração em geração dentro da comunidade, o que caracteriza uma maneira de manter a cultura local, que quanto comunidade remanescente de quilombo possui em seu caráter as raízes de cultura africana, fortalecendo de certo modo, a identidade desse povo.

Como já mencionado neste capítulo, o festejo mais conhecido e de maior dimensão dentro da comunidade é o que faz honra e homenagem à Santa padroeira da comunidade quilombola de Juçatuba, Nossa Senhora Mãe dos Homens (Figura 7); realizado no mês de

outubro, portanto, destacá-lo aqui é de grande contribuição para a relevância da pesquisa, ao tratar de manifestações culturais do lugar e a identidade quilombola de seu povo.

**Figura 7-** Nossa Senhora Mãe dos Homens, padroeira de Juçatuba



Fonte: Rede Social da Santa, 2024

A festa ocorre no período de 10 dias onde são realizadas várias práticas religiosas; alvorada, caminhadas, carreatas, celebrações, ladainhas, missas, procissão; e a data de início e término vai de acordo com o segundo domingo do mês de outubro, considerado o dia da santa festa, em que acontece a Santa Missa em honra à padroeira, Procissão pelas ruas da comunidade (Figura 8) e o Leilão (Figura 9) (sendo este um ato muito aguardado pela comunidade), portanto o início da festa religiosa pode ocorrer entre fim de setembro e início de outubro.

**Figura 8- Procissão da padroeira de Juçatuba**



Fonte: Ednfotografias, 2023

**Figura 9 - Leilão no largo da Igreja da padroeira de Juçatuba**



Fonte: Própria da Pesquisa, 2024

Como movimento festivo de maior dimensão, este se torna também momento de maior envolvimento e união da comunidade, a festa é realizada com a participação de grande parte da comunidade (levando em consideração que alguns de seus moradores são de religião protestante), uma participação numa série de atividades, tais como: limpeza e ornamentação da igreja e seu largo<sup>4</sup>, preparação nas programações da festa, presença nas cerimônias e práticas religiosas (caminhadas, carreatas), contribuição e comercialização de produtos, comidas e utensílios (ou seja, a própria comunidade doa e faz compras do que é vendido e leiloadado durante os dias do festejo), união esta, que ainda de acordo com Pereira (2023 p.64) “ é um exemplo de fortalecimento da identidade do território quilombola” expressando desta forma uma coesão social, essencial para manutenção da cultura local, cultura esta que perpassa de geração em geração dentro da comunidade.

Um outro elemento cultural inserido na comunidade da qual destacamos como influência na construção e reafirmação de identidade quilombola é o bumba-meu-boi, este que em sua própria existência como manifestação cultural já carrega em seu histórico a luta e resistência diante uma sociedade elitista, a brincadeira folclórica surgida no Nordeste do Brasil e que atualmente é umas das mais ricas manifestações do folclore maranhense já foi alvo de muita repressão dentro desse território, considerado como “coisa de negro”, a espécie de folguedo<sup>5</sup> é sem dúvida mais uma das conquistas na luta por aceitação e respeito da cultura do povo negro.

O bumba-meu-boi de Juçatuba, sotaque de matraca (Figura 10), também conhecido como “Batalhão de Prata”, fundado por volta dos anos 1970 pelo sr. José Vitorio Monroe, morador da comunidade, é mais uma das tradicionais manifestações culturais do quilombo Juçatuba que influencia a identidade territorial do quilombo e seus moradores. A brincadeira de acordo com Garcez (2022) precisou passar por muitas dificuldades para se manter viva, sendo o amor pela brincadeira passado de geração em geração ser uma das razões de sua existência até os dias atuais, sendo a mesmo motivo de muito orgulho para a comunidade.

---

<sup>4</sup> Espaço aberto que envolve o terreno da igreja.

<sup>5</sup> Uma manifestação cultural popular que envolve dança, música, teatro, brincadeiras e outras formas de expressão artística. Os folguedos são parte do folclore brasileiro e são transmitidos de geração em geração. Algumas manifestações folclóricas são de origem religiosa, como católica ou de cultos africanos.

**Figura 10-** Bumba-boi de Juçatuba



Fonte: Rede Social do Boi de Juçatuba, 2024.

Ainda de acordo com a autora, o bumba-meu-boi “leva a história de Juçatuba por onde passa, o que ocorre através das toadas, vestimentas e da cadência de suas matracas e pandeirões. O grito das pessoas também expressa muito do território do qual o Boi vem (e vai).” (Garcez, 2022, p.24). Em uma de suas toadas (como chamadas as canções do bumba-meu-boi) podemos evidenciar como o elemento cultural inserido na comunidade é meio de fortalecimento da identidade quilombola do povo juçatubense;

Sou satubeiro sim, sou quilombola não renego minha indentidade, por isso o meu povo é diferenciado. quando eu vou passando eu só ouço o povo falar, que batalhão é esse que não para de ganhar, que batalhão é esse que não para de ganhar, eu orgulhoso voltei pra responder essa é minha trupiada que não cansa de vencer (Nilsomar Bezerra, 2021).

Essa manifestação, mantida por meio do amor transmitido de geração em geração — um amor que se revela no ato de participar, sem buscar retornos financeiros, seja na direção, como brincante, tocador de algum instrumento ou apenas como público nos ensaios e apresentações — é uma expressão da união dos moradores da comunidade de Juçatuba em prol da preservação de sua cultura e tradição. Como enfatizam seus apreciadores, o bumba-meu-boi de Juçatuba é a grande paixão do lugar. Apesar de ainda não amplamente reconhecido, é descrito

como um "Batalhão pesado" que projeta Juçatuba na Grande Ilha (composta por São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar), especialmente por meio de suas toadas. Essas canções geralmente celebram a história local, seu povo, sua cultura e suas belezas naturais.

Diante da perspectiva de que as manifestações culturais e tradições do quilombo de Juçatuba têm sido preservadas por séculos graças à união de seu povo, e considerando que a cultura é parte essencial da identidade de uma comunidade, torna-se evidente a necessidade de preservá-las para assegurar que a identidade de Juçatuba também seja mantida. Esse entendimento é reforçado pelo pensamento de Callai (2000, p. 119), que afirma: "... o conjunto de características que formam a feição de um determinado espaço constitui a sua identidade. Os costumes, os valores, as tradições são elementos que, no seu conjunto, estruturam a identidade de um lugar".

Dessa forma, o bumba-meu-boi e outras manifestações culturais de Juçatuba não apenas refletem a riqueza da cultura local, mas também desempenham um papel central na construção e perpetuação da identidade da comunidade.

### 3- JUÇATUBA: ENSINO DE GEOGRAFIA E IDENTIDADE QUILOMBOLA

Ao destacar a importância da cultura e das tradições de Juçatuba para a identidade quilombola do território, compreende-se que essa identidade precisa ser preservada ao longo das gerações. Nesse contexto, inicia-se uma análise investigativa sobre o ensino de Geografia, que pode ser um instrumento para fortalecer essa identidade quilombola por meio de seus conteúdos, dentro de uma escola localizada no território de Juçatuba.

A motivação para essa investigação surgiu em 2021, durante o período de pandemia de Covid-19, quando as aulas presenciais foram suspensas por decreto estadual de número 36.5319, que proibiu o funcionamento das escolas em todas as redes de ensino. Nesse cenário, o reforço escolar tornou-se uma alternativa fundamental para suprir as lacunas no aprendizado dos alunos da comunidade de Juçatuba. Esse ensino foi, em sua maioria, responsabilidade de jovens acadêmicos de licenciatura em formação, que buscaram, na pandemia, a experiência de dar aulas como forma de obter uma renda extra.

Durante esse período, foi possível perceber que muitos dos alunos não se viam como quilombolas, o que foi uma constatação preocupante. O desconhecimento da história afro-brasileira e da importância desse povo para o país alimenta o preconceito, muitas vezes dentro da própria escola. Esse déficit de conhecimento, ou a falta dele, foi amplificado pelos conteúdos presentes nos livros didáticos e paradidáticos utilizados pelos alunos, que geralmente apresentam uma visão eurocêntrica.

As práticas pedagógicas eurocentradas, que se concentram na Europa e nos europeus para interpretar o mundo e a realidade, são apontadas como grandes responsáveis pela propagação da discriminação racial no contexto escolar. Essas práticas distorcem e omitem a história afrodescendente, tornando a situação ainda mais delicada quando se trata de uma escola localizada em uma comunidade quilombola, como é o caso da Escola Rosa Paixão Garcez, na comunidade de Juçatuba.

A abordagem do ensino de Geografia com suas múltiplas possibilidades de trabalhar questões sociais, políticas, econômicas e culturais de seus educandos, na questão identitária de comunidades quilombolas, sendo esta uma questão étnico racial, uma temática muito abordada nos estudos da Geografia brasileira, possibilita uma promoção da importância e da valorização da identidade quilombola. Borges e Santos (2021 p.4) destacam em seu trabalho que:

O ensino de Geografia inserido em um contexto étnico-cultural e político presente na escola, com educadores, educandos, direção escolar, poder público

municipal e lideranças da comunidade quilombola, podem contribuir para a estruturação de elementos do currículo escolar formador de cidadãos capazes de fazer uma leitura socioespacial de suas realidades vividas.

Os autores reiteram ainda que “a Geografia tem um papel crucial no entendimento das relações raciais, no racismo e nas desigualdades raciais que se constroem e aparecem no plano das interações cotidianas entre indivíduos e grupos” (Borges e Santos p. 07). Assim, numa perspectiva de uma geografia escolar voltada para educação escolar quilombola e uma construção/fortalecimento da identidade quilombola esta disciplina precisa endossar em seu trabalho práticas e metodologias que articule esse ensino/ aprendizagem com as vivências do aluno dentro de seu território enfatizando sua importância e valor para a sociedade brasileira.

O capítulo deste trabalho tem como objetivo apresentar a análise das contribuições da Geografia para a educação escolar quilombola, investigando como a Geografia escolar é aplicada na escola campo de pesquisa, considerando o contexto de trabalhar com crianças e adolescentes pertencentes a uma comunidade remanescente de quilombo.

A proposta metodológica adotada para essa análise investigativa é o estudo de caso, com os principais atores sociais envolvidos sendo os alunos, os professores de Geografia e a gestão escolar. Para os procedimentos metodológicos da pesquisa empírica e teórica, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com foco em trabalhos voltados à temática do ensino de Geografia e da educação escolar quilombola. Quanto à coleta de dados, será utilizado o questionário aberto, uma vez que a pesquisa não busca apenas descrever a situação, mas obter uma compreensão aprofundada do fenômeno social em sua totalidade, permitindo uma análise mais rica e contextualizada.

### **3.1 A Geografia na Escola Rosa Paixão Garcez**

Ao refletir sobre o papel da Geografia dentro do contexto escolar, observa-se que, em geral, a disciplina é reconhecida por sua função de promover uma formação cidadã consciente e responsável. A Geografia possibilita a compreensão das relações sociais e dos fenômenos que ocorrem na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio crítico dos alunos. Essa abordagem permite que eles percebam de forma coerente o mundo ao seu redor, fortalecendo seu senso de cidadania e pertencimento. Assim, a Geografia assume um papel essencial na construção de uma visão ampla e integrada da realidade social e espacial.

“[...] desde as primeiras etapas da escolaridade, o ensino de geografia pode e deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a

uma realidade na qual as relações entre sociedade e natureza formam um todo integrado-constantemente em transformação- do qual ele faz parte e, portanto, precisa conhecer e sentir-se como membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente” (MEC, 1999, p.105)

A Geografia como disciplina escolar possui um potencial significativo para se tornar algo interessante dentro da sala de aula, no entanto, observa-se que na atualidade na maioria das escolas brasileiras esta ciência tem seu ensino, principalmente nas redes públicas de educação básica, caracterizado como “enfadonho e acompanhado por práticas de memorização dos conteúdos geográficos” (Landim, Neto e Barbosa 2010, p.160). Dessa mesma ideia compartilham Porto e Sena (2016, p.14);

“A disciplina Geografia, em grande parte das instituições de ensino, é vista como menos relevante, por seu conteúdo não estar inserido no contexto do mundo atual. Além desse fato, pelo contínuo uso exagerado da memorização em detrimento da apreensão do conhecimento em sua totalidade. Este fato, portanto, pode estar associado a essa visão ainda tradicional aplicada no ensino dela, que faz da Geografia ainda uma ciência da descrição e enumeração dos lugares, sem importa-se com a relação entre os fenômenos”

Diante dessa realidade, busca-se analisar como o ensino de Geografia é conduzido na Escola Rosa Paixão Garcez (Figura 11), situada na comunidade remanescente de quilombo de Juçatuba. A escola integra a rede municipal de São José de Ribamar e conta, atualmente, com 121 alunos matriculados. A instituição oferece ensino básico do 4º ao 9º ano do ensino fundamental, com turmas distribuídas nos turnos matutino e vespertino, atendendo estudantes na faixa etária de 9 a 15 anos.

**Figura 11-** Escola Rosa Paixão Garcez em Juçatuba



Fonte: Própria da Pesquisa, 2024

Como base para esta verificação, leva-se em consideração os questionamentos apontados por Cavalcanti em relação esta dificuldade do ensino-aprendizagem dessa disciplina nas escolas, tais como;

O que é a Geografia escolar na atualidade? Como ela se realiza? Como o Professor a constrói? Quais os desafios da prática do ensino da Geografia? Quem são os alunos da Geografia? Como são esses alunos? Como praticam a Geografia do dia a dia? Como aprendem Geografia na escola? Que Significados têm para os alunos aprenderem Geografia? Que dificuldades eles têm para aprender os conteúdos trabalhados nessa disciplina? (Cavalcanti 2006, p. 66).

Como parte fundamental da pesquisa, iniciaram-se as visitas à escola campo deste trabalho. A primeira constatação sobre o ensino de Geografia na escola foi um fato recorrente no ensino fundamental: a presença de professores sem formação específica na área lecionando a disciplina. Na escola investigada, esse problema ocorre tanto no turno matutino quanto no vespertino, em todas as 7 séries de ensino, sem que nenhum docente possua formação em licenciatura em Geografia. No período matutino, a disciplina é ministrada por professores formados em Letras (2) e Pedagogia (1), enquanto no período vespertino, um professor de Filosofia leciona Geografia. No período matutino, a escola atende 3 turmas dos anos iniciais (2 turmas de 4º ano e 1 de 5º ano). À tarde, o ensino fundamental anos finais (do 6º ao 9º ano) é

oferecido, com a disciplina de Geografia sendo ministrada por um único professor, também com formação em Filosofia.

Na escola, a disciplina de Geografia é ministrada uma vez por semana, em ambas turmas através de dois horários consecutivos, de 45 minutos de duração. Nas séries iniciais, durante o período da manhã, as professoras referem seguir o roteiro dos livros didáticos, que estão integrados ao PNLD- Programa Nacional do Livro e Material Didático com conteúdos sobre Divisão e Regiões do Brasil, Relevo do Brasil, Clima, A Paisagem e A População do Brasil. As fontes de ensino utilizadas são mapas, imagens e ilustrações para a melhor compreensão e representação dos conteúdos. No turno vespertino, onde a disciplina é ministrada por um único professor em todas as séries, o uso do livro didático não é adotado, pois, segundo o docente, a abordagem é diferente.

O uso do livro didático para estes alunos, que estão em fase de desenvolvimento de habilidades, não funciona como recurso benéfico, pois se eu for utilizar o livro (que muitas das vezes nem trazem pra aula) eu vou está apenas reproduzindo um ensino momentâneo, que vão apenas decorar um assunto para responder uma prova ou atividade” (Professor entrevistado, 2024).

Sobre suas aulas, o professor relata a seguinte abordagem: “eu escolho um dos tópicos do livro didático, que eu considero relevante para mim – “principais”, dou um texto longo para copiar no caderno, leio e explico o material, depois proponho realizar a tarefa, que os alunos devem fazer independentemente – o que entenderem do tópico”. Para ele, esse método permite que os alunos usem diversas habilidades, como escrita, concentração e memorização.

No entanto, durante o acompanhamento de uma aula cujo tema era ‘Aquíferos’, observou-se que o professor não utilizou nenhum recurso didático visual para ilustrar o tema, o que nos remete a uma crítica mencionada por Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), citada por Silva e Lima (2014, p. 3): “há professores utilizando o livro didático como sua única bibliografia, copiando o assunto no quadro com explicações rápidas do conteúdo e, às vezes, até mesmo sem explicações. Tais práticas inibem o interesse até mesmo dos melhores alunos.”

Em conversa com alguns alunos dos anos finais (período vespertino), foi questionado qual aprendizado eles possuíam através do ensino de Geografia e o que achavam da disciplina e seus conteúdos bem como as dificuldades para aprender sobre os conteúdos, as perguntas foram feitas de maneira aberta e as respostas foram interpretadas na tabela abaixo com termos usualmente formais.

**Tabela 4-** Percepção dos alunos em relação ao ensino de Geografia na escola Rosa Paixão Garcez

<b>Questionamentos/ Porcentagem %</b>					
<b>TIPOS DE APRENDIZADO ADQUIRIDO NAS AULAS</b>	<b>%</b>	<b>O QUE ACHAM DA DISCIPLINA E SEUS CONTEÚDOS</b>	<b>%</b>	<b>QUAIS AS DIFICULDADES TÊM PARA APRENDER CONTEÚDO</b>	<b>%</b>
Aprendizado sobre Geografia Humana (Cultura, População, Economia, Características Gerais da Formação do Brasil, Campo e Cidade).	48%	Boa com conteúdos Interessantes	58%	Devido a metodologia utilizada pelo professor nas aulas	50%
Aprendizado sobre Geografia Física ( Relevo, Sistema Solar, Hidrosfera, Biosfera e Atmosfera)	40%	Chata com conteúdos desinteressantes	37%	Os assuntos da disciplina são difíceis e extensos, causando desatenção na aula.	32%
Não possui nenhum tipo de aprendizado/ Não consegue lembrar	12%	Não soube responder	5%	Não possui dificuldades para aprender os conteúdos	18%

Fonte: A autora, Pesquisa de Campo, 2024

Diante do exposto, observa-se que grande parte dos alunos consideram a disciplina interessante, mas em contrapartida a metodologia utilizada em sala de aula é a maior causa de falta de aprendizado destes alunos a cerca dos conteúdos que a disciplina aborda em seu ensino.

Assim, não é exagero afirmar que a postura dos docentes tem contribuído para uma aprendizagem mecânica a qual o corpo discente está submetido, que em nada o ajuda a dar sentido aos saberes geográficos que tem aprendido em sala de aula.

Como consideração diante o observado ao longo da pesquisa de campo, caracteriza-se a Geografia na escola Rosa Paixão Garcez, assim como grande parte das instituições de ensino, como uma disciplina escolar de caráter descritivo, com aulas monótonas realizadas por professores sem formação na área, fazendo uso de metodologias inadequadas, com ausência de recursos audiovisuais, fazendo com que a disciplina seja vista como decorativa, que não faz relação dos conteúdos com a realidade do aluno, tornando-a assim uma disciplina sem grandes contribuições para uma formação cidadã de seus educandos.

### **3.2. Ensino de Geografia e identidade quilombola: perspectivas discentes**

Ao longo deste trabalho foi destacado que a Geografia quanto disciplina escolar possui grande relevância na educação quilombola, por sua possibilidade de trabalhar com as questões quilombolas visando um fortalecimento na identidade étnico-racial dos alunos remanescentes, assim, o ensino de geografia em escolas localizadas em comunidades quilombolas deve ser baseado na realidade que cerca o aluno, ou seja, as suas vivências, de modo que possa compreender o seu lugar no mundo e a sua importância na sociedade. Muitos trabalhos voltados para a contribuição do ensino da Geografia na educação escolar quilombola, enfatiza que a disciplina “possibilita ao aluno compreender o seu lugar, a construção de sua territorialidade, se reconhecer no espaço e afirmar sua identidade” (Campos, 2022, p.01). Neste sentido, buscamos apresentar essa relação do ensino de Geografia da escola Rosa Paixão Garcez e sua influência nessa construção e afirmação da identidade quilombola de seus discentes.

Para a pesquisa, foi aplicado um questionário (figura 12) aberto com 40 alunos da instituição de ensino. O instrumento continha 8 perguntas subjetivas e, embora seja mais indicado para públicos menores, foi escolhido devido à necessidade de obter percepções exploratórias e aprofundadas do público-alvo, fornecendo informações detalhadas sobre o tema pesquisado. A aplicação do questionário foi planejada para as primeiras semanas de novembro, considerando que o dia 20 é alusivo à Consciência Negra no Brasil. Nesse período, muitas escolas promovem atividades relacionadas às questões étnico-raciais do povo negro. O objetivo era captar as concepções prévias dos alunos sobre o tema da pesquisa, alinhando suas respostas ao contexto das atividades realizadas na escola durante essa época do ano.

**Figura 12 – Modelo de questionário do Aluno**

**Questionário- Aluno (a)**

Idade:            Sexo: Fem ( ) Mas ( )

Religiosidade:

1- MORA EM JUÇATUBA HÁ QUANTO TEMPO?

\_\_\_\_\_

2- COMO VOCÊ IDENTIFICA SUA COMUNIDADE/BAIRRO

\_\_\_\_\_

3- PARA VOCÊ, QUILOMBOLA É...

\_\_\_\_\_

4- CONSIDERA-SE UM (A) QUILOMBOLA?

\_\_\_\_\_

5- O QUE TE FAZ ACEITAR OU NEGAR, SER QUILOMBOLA?

\_\_\_\_\_

6- EM QUE O ENSINO DE GEOGRAFIA CONTRIBUI PARA SEU CONHECIMENTO SOBRE “SER QUILOMBOLA”

\_\_\_\_\_

7- O QUE CONTRIBUI PARA SEU CONHECIMENTO SOBRE SUA COMUNIDADE E SOBRE “SER QUILOMBOLA”

\_\_\_\_\_

8- VOCÊ PARTICIPA/SE ENVOLVE EM ALGUMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE JUÇATUBA (BUMBA-BOI, FESTEJOS SANTOS)? POR QUÊ?

\_\_\_\_\_

Fonte: Própria da Pesquisa, 2024

O questionário para os alunos foram relacionadas à; tempo de moradia na comunidade (tendo o conhecimento de que os alunos que escola atende residem em Juçatuba), questões identitárias pessoal e da comunidade (para que seja obtido a auto identificação ou a negação quanto quilombola), a contribuição do ensino de Geografia em sua identidade étnica (como questão principal do objetivo de aplicação do questionário), elementos que contribuem para sua identidade étnica e se participam/envolvem em alguma manifestação cultural da localidade (tendo o conhecimento de que estes são elementos fortalecedor da identidade quilombola de Juçatuba e precisam ser mantidos ao longo das gerações). Assim, buscamos uma compreensão ampla do que objetiva este trabalho; refletir sobre as percepções dos alunos acerca

do ensino aprendizagem da Geografia, em termos de conhecimentos étnico-raciais e sua formação/construção de identidade quilombola.

Destaco que como critério de seleção para responder ao questionário, não sendo possível a realização por todo corpo discente da escola, foi levado em consideração características físicas destes alunos, tais como; cor da pele e textura do cabelo; a escola possui uma diversidade nas características físicas de seus alunos, pois, como já citado anteriormente, a povoação da comunidade Juçatuba surge através do relacionamento de uma negra e um branco, mas que apesar das diferenças, a origem de todos os alunos envolvidos possuem em suas raízes a mesma ancestralidade.

A faixa etária dos alunos que responderam ao questionário variou entre 9 e 14 anos. A distribuição foi composta por 8 alunos com 9 anos, 2 alunos com 10 anos, 5 alunos com 11 anos, 15 alunos com 12 anos, 7 alunos com 13 anos e 3 alunos com 14 anos. Em relação à religião, 24 alunos se declararam católicos, 8 protestantes, 4 messiânicos, e 4 optaram por não declarar sua religião. Objetivando tornar as informações mais claras e concisas, já que os dados coletados são de caráter qualitativo, as respostas do questionário aplicado aos alunos foram interpretadas através de informações cruzadas, respostas que se assemelham, gerando assim os dados representados por meio dos gráficos abaixo.

**Gráfico 1-** Tempo de moradia na comunidade

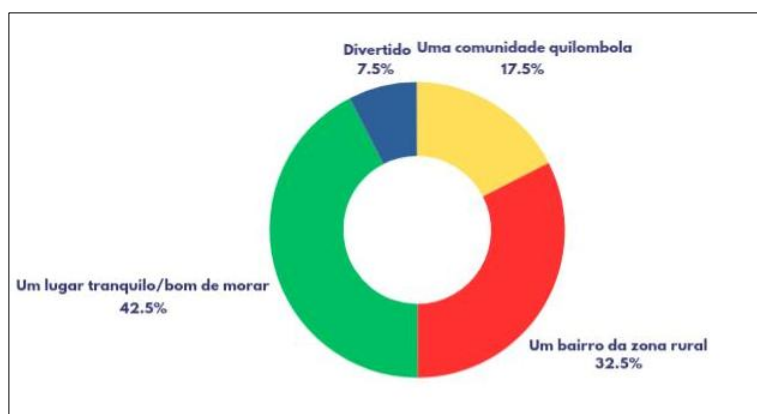


Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Dos 40 alunos que responderam ao questionário, 37 informaram que sempre moraram em Juçatuba, enquanto 3 residem na comunidade há menos de cinco anos. Esse dado evidencia que a maioria dos participantes possui um conhecimento aprofundado sobre a realidade e o contexto da comunidade quilombola de Juçatuba.

Ao analisar as respostas apresentadas no Gráfico 2, referente à questão "Como você identifica sua comunidade/bairro?", observa-se que apenas 7 alunos estabeleceram uma relação direta com a identidade da comunidade como remanescente de quilombo. Os demais participantes forneceram respostas que destacam outros aspectos, como localização geográfica, tranquilidade e possibilidades de lazer. Esse resultado sugere que a percepção da identidade quilombola não está plenamente consolidada entre a maioria dos alunos, indicando a necessidade de maior valorização e integração dos elementos culturais e históricos da comunidade no contexto educacional.

**Gráfico 2-** Identificação da comunidade/bairro



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Neste caso, os dados podem evidenciar também que a carência de aprendizados voltados à identidade quilombola da comunidade de Juçatuba ainda pode ser observada entre os alunos da escola campo desta pesquisa, como já notado no ano de 2022, quando se teve contato primário com alunos da instituição de ensino.

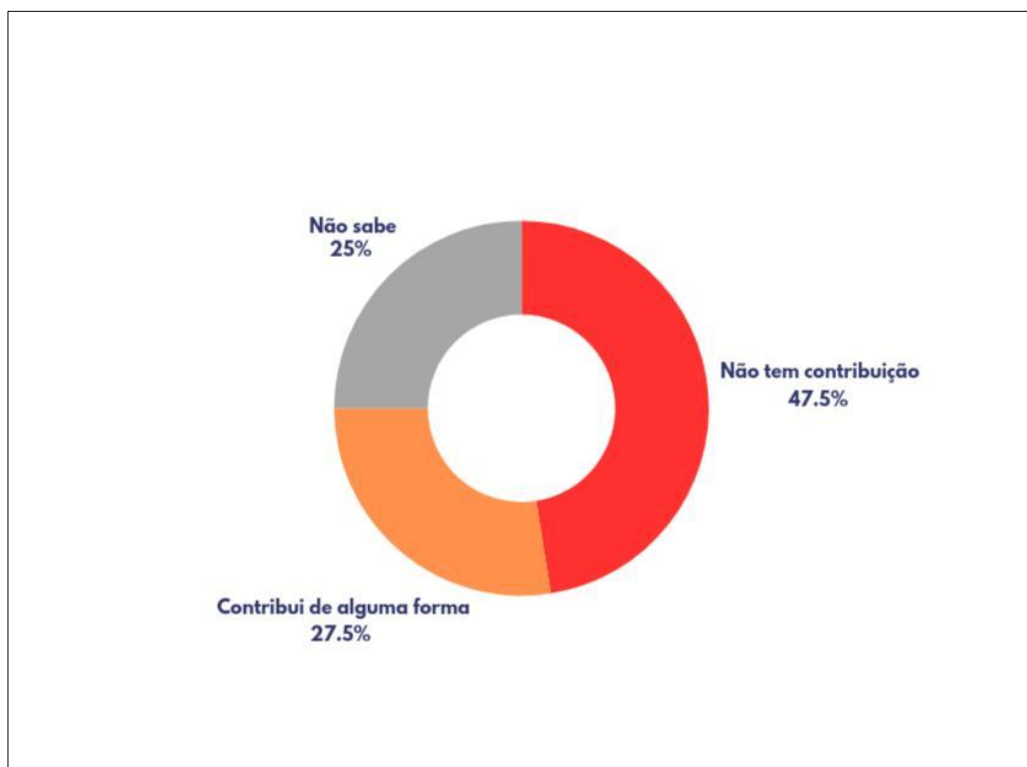
Ao analisar resposta do gráfico 3, que procura entender a concepção do aluno sobre o que é quilombola, depare-se com uma insciência dos alunos quanto sua etnia, dos 40 alunos, apenas 4 deram respostas relacionando quilombolas como pessoas de grupo étnico, 28 deles resumiram a questão como “pessoas negras” ou “pessoas descendente de escravizados”, quanto o restante não responderam a questão.

**Gráfico 3 - Consideração dos alunos quanto quilombola**

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Os dados mostram que 32 dos alunos se consideram quilombolas, representando 80% do quantitativo de resposta, quanto 5 alunos cerca de 12,5% negam a etnia e 7,5% (3 alunos) não responderam à questão. Este resultado entra em contraste com as informações de dados da **questão 3** do questionário, levando a considerar que os alunos de alguma forma possuem o entendimento que sua comunidade e sua origem são de natureza quilombola. Como complemento dessa consideração levamos em conta as respostas obtidas na **questão 5**, onde grande parte das respostas (28) foram positivas em relação a aceitação de uma identidade quanto quilombola. 3 dos alunos negam ser quilombola por considerar-se “brancos” ou “não ter pele negra”. Os outros 9 não responderam à questão.

O Gráfico 4 apresenta informações muito relevantes para os objetivos desta pesquisa, especialmente no que diz respeito à contribuição do ensino de Geografia no conhecimento étnico-racial e à construção de uma identidade quilombola. De acordo com a percepção da maioria dos alunos (19), a disciplina não contribui para o fortalecimento do conhecimento étnico-racial.

**Gráfico 4:** A contribuição do Ensino de Geografia no Conhecimento étnico racial

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

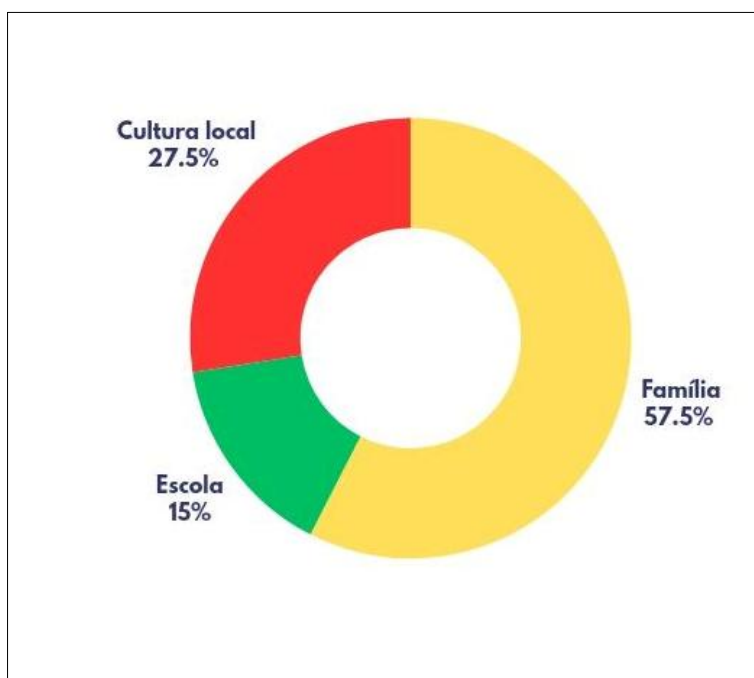
Entre os 11 alunos que indicaram alguma contribuição, as respostas apontam que o ensino colabora por meio de temas como: direitos (como o direito à terra), relação da comunidade com a agricultura, a predominância da população negra, a localização na zona rural e a presença de sobrenomes destacados na comunidade. No entanto, essas respostas podem estar relacionadas a outras temáticas e, por isso, são consideradas insuficientes para uma interpretação mais robusta da questão.

Essa limitação pode ser atribuída, em parte, à falta de compreensão dos alunos em relação ao que foi solicitado na questão do questionário, considerando a faixa etária dos participantes. Esse resultado reforça a necessidade de um trabalho mais consistente no ensino de Geografia, que incorpore de forma mais clara e objetiva os conhecimentos étnico-raciais no currículo escolar, favorecendo uma compreensão mais aprofundada e significativa por parte dos educandos.

Mas de uma forma ampla, os dados obtidos nos fornecem a informação que o ensino de geografia na escola campo da pesquisa não colabora de forma significativa para os conhecimentos étnico-raciais quanto quilombolas de seus educandos. Sendo estes em grande

parte, influenciados por familiares, em relação a “ser quilombola” e pertencerem a uma comunidade remanescente de quilombo como demonstrado abaixo no gráfico 5.

**Gráfico 5-** Elementos que contribuem para o conhecimento étnico racial dos alunos



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Na resposta à pergunta 7 do questionário, 23 alunos indicaram familiares, como pais, avós ou tios, como os principais contribuidores para o seu conhecimento sobre "ser quilombola". Seis alunos mencionaram a escola como elemento de contribuição, enquanto 11 citaram o bumba-meu-boi como um dos principais influenciadores de seu entendimento sobre a comunidade e sua etnia.

O bumba-meu-boi de Juçatuba, já destacado ao longo deste trabalho, é um elemento essencial para o fortalecimento da identidade quilombola, juntamente com outras manifestações culturais locais. Por isso, a última questão do questionário, que abordava o envolvimento dos alunos nas manifestações culturais, foi considerada de grande importância. Entre os 40 alunos entrevistados, apenas 8 afirmaram não participar de eventos culturais da comunidade. Vinte alunos relataram envolvimento tanto no bumba-meu-boi quanto nos festejos religiosos, enquanto 12 citaram participação exclusiva no bumba-meu-boi. Esses resultados destacam a relevância dessas manifestações para a formação identitária de crianças e adolescentes da comunidade. Como já mencionado, a cultura local é um componente essencial da identidade quilombola de Juçatuba. Sua preservação ao longo das gerações garante a continuidade dessa

identidade como parte do patrimônio dos povos tradicionais, e o envolvimento da nova geração é uma forma concreta de assegurar essa preservação.

No entanto, ao analisar a influência do ensino de Geografia nessa construção identitária, os dados indicam que, na instituição investigada, a disciplina ainda segue um modelo de ensino tradicional, caracterizado por uma aprendizagem mecânica. Esse modelo não oferece uma abordagem capaz de formar cidadãos críticos e atuantes. Nesse contexto, em que os alunos estão imersos, o ensino de Geografia deveria desempenhar um papel fundamental na valorização étnico-racial e no fortalecimento da identidade quilombola. O cenário observado na Escola Rosa Paixão Garcez sugere a necessidade de uma reestruturação pedagógica que possibilite à Geografia cumprir seu potencial como uma ciência transformadora, promotora de consciência crítica e valorização cultural.

### **3.3. Ensinar Geografia, valorizar as identidades locais**

Ao decorrer de todo trabalho, foi enfatizado a importância que o papel da Geografia quanto disciplina escolar possui para a valorização da identidade de seus alunos quanto participantes de um grupo étnico racial, no entanto, observa-se que muitas das vezes a ciência se mantém como omissa nesta questão. Trabalhar em sala de aula com a valorização das identidades tradicionais tornou-se ao longo do tempo algo muito necessário, tendo em vista que com a globalização o aumento da padronização cultural causa efeitos de mudanças nas identidades, podendo neste caso, ocasionar a perda dessas identidades e diversidade étnica. Todo povo tradicional possui sua identidade, as identidades tornam os lugares únicos e especiais, assim, valorizar as identidades locais é promover a manutenção de culturas. Valorizar a identidade local é um processo que envolve reconhecer, preservar e promover as manifestações culturais de uma comunidade.

Pensar em um ensino de Geografia que valorize as identidades locais, especificamente a identidade quilombola no contexto deste trabalho, exige que a ciência geográfica incorpore a chamada "geografia do aluno". Esse conceito refere-se a um ensino que dialoga diretamente com a realidade dos alunos, considerando sua cultura e o lugar em que vivem. Para alcançar esse objetivo, é essencial integrar as perspectivas culturais e étnicas dos educandos ao processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, torna-se fundamental adotar metodologias que enfoquem o saber local, permitindo que os alunos reconheçam suas vivências como parte constitutiva de sua

identidade. Assim, as aulas de Geografia podem desempenhar um papel significativo na construção da identidade étnico-cultural dos estudantes, bem como na valorização e preservação das identidades locais.

Como prática educativa voltada para a valorização da identidade quilombola, o ensino de Geografia pode utilizar suas categorias fundamentais — lugar, território, paisagem e região — como ferramentas para articular e relacionar o conteúdo geográfico com a realidade dos educandos. Essa abordagem permite a valorização da identidade territorial e fortalece o sentimento de pertencimento ao lugar. De acordo com Callai (2005), o ensino de Geografia é uma oportunidade de aproximar o aluno do conhecimento geográfico ao trabalhar com o lugar de vivência como ponto de partida, promovendo a compreensão da relação entre o local e o global.

Além disso, a valorização da identidade local pode ser potencializada por meio do diálogo com temáticas amplamente utilizadas na Geografia, como cultura, religiosidade, tradições, oralidade, memória, ancestralidade e as lutas pela terra e pelo território. Essas temáticas contribuem para a promoção do conhecimento acerca da própria comunidade e reforçam a importância da preservação de suas características culturais e históricas (Cavalcanti, 2014).

Uma prática pedagógica particularmente relevante no ensino de Geografia é o uso da cartografia social, que, segundo Almeida e Castro (2009), pode ser uma ferramenta poderosa para a reconstrução da memória quilombola, a visibilidade da identidade da comunidade e a reafirmação da cultura local. A cartografia social possibilita que os próprios educandos participem ativamente do mapeamento de seus territórios, fortalecendo a percepção do espaço como um elemento significativo na construção de sua identidade étnico-cultural.

Certifica-se que a Geografia possui diversas possibilidades de trabalhar com a valorização das identidades tradicionais, mas que, por razões, tais como; fundamento eurocêntrico da educação brasileira, a falta de preparação dos docentes devido a ausência de especialização e formações, a não inserção das diretrizes curriculares das relações étnicos raciais no planejamento escolar e no sistema de ensino; essa geografia contribuidora de uma construção, fortalecimento e valorização da educação e identidade quilombola não seja uma realidade em muitas instituições de ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, o povo negro na sociedade brasileira, por meio de intensas lutas sociais, conquistou diversos direitos assegurados por lei. No entanto, muitos desses direitos ainda não foram plenamente efetivados. Entre eles está a Educação Escolar Quilombola, que tem como objetivo garantir o respeito às especificidades étnico-raciais e culturais das comunidades quilombolas. Essa modalidade de educação, porém, carece urgentemente de uma assistência estatal eficaz que promova mudanças concretas nessa realidade e assegure a sua implementação de forma justa e adequada.

Essa realidade foi evidenciada pela pesquisa realizada neste trabalho, que investigou o ensino de Geografia, uma disciplina com grande potencial para abordar e promover o respeito étnico-racial nas escolas que atendem alunos de comunidades quilombolas. No caso da escola analisada, localizada na comunidade remanescente de quilombo de Juçatuba, a Geografia se destaca como uma ferramenta essencial da Educação Quilombola, contribuindo para a preservação da identidade cultural e para o fortalecimento das tradições dessas comunidades.

Juçatuba, é um território quilombola, com grandes belezas naturais e que possui uma significativa riqueza cultural, que faz de seu povo proprietários de uma identidade única e especial, identidade esta que precisa ser mantida ao longo das gerações como forma de assegurarem seus direitos, valorizar sua ancestralidade e a história de sua comunidade. Assim, consideramos necessário que crianças e adolescentes desta comunidade, vistas como o seguimento da cultura e tradições do quilombo Juçatuba, possuam ao longo da educação básica, aprendizados que colaboram para o fortalecimento de suas identidades quanto pertencentes do grupo étnico.

Durante a realização da pesquisa, que incluiu observação de aulas, aplicação de questionários e diálogos com alunos (público-alvo da relação entre Educação Quilombola e Geografia Escolar) na Escola Rosa Paixão Garcez, constatou-se que o ensino de Geografia na instituição não está alinhado às diretrizes educacionais que orientam as relações étnico-raciais. Essa desconexão impede que a disciplina desempenhe plenamente seu papel de colaborar com a valorização das questões étnico-raciais no ambiente escolar, prejudicando o fortalecimento e a formação cidadã, étnica e cultural dos educandos.

O estudo revelou que o principal elemento fortalecedor da identidade quilombola dos alunos é a família, seguida pela própria cultura local, com destaque para o bumba-meu-boi da comunidade. Assim, conclui-se que a construção e o fortalecimento da identidade étnico-

racial de crianças e adolescentes da comunidade quilombola de Juçatuba estão baseados na transmissão dos saberes populares e na valorização da cultura local.

Por fim, a pesquisa possui grande relevância tanto para minha formação pessoal quanto profissional. Como moradora da comunidade quilombola de Juçatuba e futura docente em Geografia, aprofundar-me na temática da educação quilombola enriqueceu minha compreensão sobre a importância de valorizar a diversidade cultural e racial no ambiente escolar. No âmbito profissional, a pesquisa destacou a necessidade de adaptar o currículo da Geografia para refletir as realidades das comunidades quilombolas, além de evidenciar a importância de uma formação docente especializada para atuar nesses contextos.

As percepções obtidas serão fundamentais para implementar práticas pedagógicas inclusivas, que promovam uma educação comprometida com a valorização da diversidade cultural. Espera-se que este estudo inspire novas pesquisas sobre o tema e contribua positivamente para outras produções científicas na área.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, N. G. **Toada Origens**. Bumba Boi de Juçatuba, 2022.

BORGES, G. P. da; C. SANTOS, de S. **A Educação Quilombola e o Ensino de Geografia: um estudo de caso na escola municipal Profº Nair Duarte em Araguatins- Tocantins**. XVI Encontro Nacional de pós-graduação e pesquisa em Geografia. Edição online. 2021.

BRASIL, **Censo Demográfico 2022 Quilombolas**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas- IBGE, 2022

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**. MEC. 2012

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**, Brasília, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, 2006.

CALLAI, H. C. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CAMPOS, L. R. **Olhares sobre o ensino de geografia na educação escolar quilombola**. II Encontro de Licenciaturas e Educação Básica. E-book online. Goiânia, 2020

CARDOSO, L.S; SILVA, A.F; LOBATO, M.M. o ensino de Geografia, educação quilombola e mapas mentais: práticas cotidianas na escola municipal padre alfredo de laó/comunidade vila do cacau-colares/pa. **Revista Geo Amazônia**, v. 10, n. 19, p. 66-89, Belém, 2022.

CAVALCANTI, L de S. SOUZA, CAMELO, V. A formação do professor de Geografia para atuar na educação cidadã. **Revista Geo Crítica**. Barcelona, 2014.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ensino de Geografia e Diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ensinar Geografia Para Autonomia do Pensamento: O Desafio de Superar Dualismos Pelo Pensamento Teórico Crítico**. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 193-203, out. 2011.

\_\_\_\_\_. **O Ensino da Geografia na Escola**. Papyrus, São Paulo. 2012.

CNE/CEB, Parecer. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, 2012.

CONCEIÇÃO, F. J. **O impacto da política do crédito fundiário na sobreposição de territórios entre a comunidade quilombola de Juçatuba e o assentamento Bom Jardim II, Município de São José de Ribamar (MA)**. São Luís, 2015. 89 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Pós Graduação. Universidade Estadual do Maranhão.

FURTADO, M.L.S. **Aquilombamento no Maranhão: um rio grande de (im) Possibilidades**. Presidente Prudente: (Tese de Doutorado). 2012. 312p.

FURTADO, M. B; SUCUPIRA, R. L; ALVES, C. B. Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Revista Psicologia e Sociedade** v.26 n.1 p.106-115.

GARCEZ, J. P. M. **Bumba Meu Boi Da Comunidade Quilombola de Juçatuba: Elemento Cultural de Fortalecimento Territorial**. São Luís. 2022. 54 p. Monografia (Graduação em Geografia). Curso de Bacharelado. Universidade Estadual do Maranhão.

GOMES, F.L.; GARCÊS, M.M. **Festejos Religiosos na Comunidade Remanescente Quilombola de Juçatuba: Fé, Devoção e Memória** (Artigo). São Luís. 2012. 10p.

HAESBAERT, R. Território. **Revista GEOgraphia- Concertos Fundamentais da Geografia** vol: 25, n. 55, Rio de Janeiro, 2023.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Regularização de Território Quilombola, perguntas e respostas**. 17 p. Brasil, 2017.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar da educação básica 2012: caderno de instruções**. Brasília: Inep, 2013

JORGE, A. L. O movimento social quilombola: considerações sobre sua origem é trajetória. Rio de Janeiro, 2015. **Revista vértices**. v. 17.n.13 p. 139-151

LANDIM, N. F. O; BARBOSA, M. E. S. O ensino de Geografia na educação básica: Uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia. **Revista Geosaberes** v. 1, n. 2, Artigos Científicos. Pag 160- 180. 2010.

LIMA, A. S de; SILVA, DAMASCENO, M. **Os desinteresses dos alunos nas aulas de Geografia**. (Artigo). III CONEDU-Congresso Nacional de Educação. 2013

Ministério da Educação- MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília, DF: MEC, 1999.

MOURA, C.B.G et al. **Educação escolar quilombola em debate**. Cad. Pesqui., São Paulo, v.52, e09773, 2022.

NUNES, F. A. A; SALVADOR, D. S. C. de O. A paisagem e o território no ensino escolar de Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, 24, e34, 2020.

PEREIRA, A. da S.. **Paisagem Religiosa e Festiva de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Juçatuba, São José de Ribamar/MA – Um Território Quilombola.** São Luís, 2023. 137 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Pós Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Maranhão.

PONTUSCHKA, N. N. Geografia, Representações Sociais e Escola Pública. **Terra Livre.** São Paulo, n. 15, p. 145-154, 2000.

PORTAL TRFS, **As cotas como medida de reparação histórica**, disponível em <https://www.trf5.jus.br/index.php/noticias/leitura-de-noticias?id=325255>. Acesso em 18 de Outubro de 2024.

PORTO, I. M. R; SENA, A. G. A de. **Geotecnologias no ensino de Geografia: recurso didático para a educação de jovens e adultos.** Geografia em questões. Editora Uema. São Luís, 2016.

SANTANA, G. B. B. **A foto cabe na moldura? A questão quilombola e a propriedade.** Brasília, 2008. 129 p. Dissertação (Mestrado em Direito) Pós Graduação em Direito. Universidade de Brasília.

SOUZA, J. A. X de. **Numa ilha, um quilombo, Juçatuba, Maranhão: Lugar-festa-identidade Teresina, Piauí: Editora Edufpi, 2024. E-book.**

THIESEN, J. da S. Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.1, jan./abr. 2011.